

OLHARES DE GERAÇÕES DE PROFESSORES FORMADORES

Neoclesia Chenet¹

Valeska Fortes de Oliveira²

Olhares de gerações de professores formadores

As pesquisas com abordagem na investigação docente, com enfoque na formação, seja ela continuada e inicial de professores, trabalha com uma categoria singular, as experiências de vida pessoal e ao mesmo tempo de um grupo, uma história coletiva da profissão. Traz as individualidades do ser professor e também a história da categoria docente. A explicitação dos saberes, representações e processos formativos que geraram e produziram formas de ser e atuar enquanto docente inserido em espaços sociais, culturais, econômicos e geográficos diversos, caracteriza um grupo de profissionais que optaram pelo magistério, trazendo histórias comuns e individuais. Conversar com esses sujeitos buscando conhecer suas histórias, as marcas que o produziram um sujeito singular e as ações que estes produziram nos espaços e tempos em que conviveram, atuaram e atuam pode esclarecer e dar visibilidade a saberes e produções que geraram os sujeitos que muitos são hoje.

Discutir formação docente remete-nos a constituição do ser humano. Nossa trajetória pessoal influenciará na atuação docente. Antes de escolhermos nossa profissão, já construímos valores, saberes, crenças e atitudes que compõe nossos saberes com relação ao ser ao fazer, enquanto seres humanos, ao inserirmo-nos em espaços formais de escolarização nossas experiências anteriores refletirão na nossa forma de pensar e agir em relação a nossa forma de atuação nas instituições educativas. A valorização do ser humano enquanto sujeito de um processo sócio-histórico e cultural é destacado por Freire ao afirmar que,

no fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, na sala de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos dos alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas. (1996, p. 49-50)

Discutir a formação de professores em meio à complexidade das mudanças sócio-culturais e econômicas do nosso tempo requer sensibilidade e paciência. Tarefa esta que exige

¹ Pedagoga, Mestranda em Educação/PPGE/CE/UFSM, bolsista CAPES.

² Prof^a Dr^a Depart. de Fund. de Educação CE/UFSM

do pesquisador saber dialogar com o outro e consigo mesmo. “Reconhecer-se, a si mesmo, como sujeito da história pode ser mais complicado e penoso do que tentar reconhecer o outro sob o mesmo aspecto. Contudo, não há verdadeiro reconhecimento de si e do outro senão por essa passagem pessoal e intransferível”. (Reigota, 2003, p.10)

Perceber os sujeitos que compõe os espaços educacionais e os saberes produzidos por eles possibilita a compreensão dos processos de constituição da docência e assim, falar das formas de atuação profissional a partir dos referenciais que a constituiu, enquanto processo histórico permeado por mudanças sociais, atitudinais e emocionais e desta forma, compreender as ações que permeiam muitas práticas docentes.

A compreensão dos fatores que nos levam a fazer determinadas opções durante nossa vida, as transformações e mudanças pelas quais fomos atores no campo social, histórico, cultural e econômico podem proporcionar a (re) descoberta de saberes produzidos por professores e assim conhecer a cultura docente, a partir dos sujeitos que também compõe estes espaços. Mario Osório Marques (2001) fala da difícil tarefa do ato de escrever e principalmente de falar sobre si mesmo, pois ao ganhar o mundo letrado o que escrevi já não é mais somente meu, faz parte de outros espaços e é interpretado por outros sujeitos e de outras formas, de acordo com a experiência que cada um viveu. Nossas histórias de vida carregam marcas que são nossas e decorrentes de nossas escolhas, das interações que realizamos em diferentes espaços e que podem ser características de uma geração.

O quanto à formação cultural e os contextos histórico-social influenciaram na construção profissional e pessoal dos sujeitos que compõe os espaços educacionais. A relação que precisa ser feita ao analisar o fazer docente deve conseqüentemente considerar esses contextos e a situação em que esta formação ocorreu. Simplesmente criticar formas de atuação docente desconsiderando essas questões descaracterizaria e desconsideraria fatores pontuais na análise.

Como é difícil olharmos nossa prática docente e percebermos as sutilezas que compõem nossa forma de agir, pensar e atuar em sala de aula e nos espaços de formação. São nas minúcias que podemos perceber o quanto de nós está presente na forma de ser professor. Antes mesmo de escolher uma profissão o ser humano construiu e viveu experiências que marcaram e permeiam sua forma de ser, características que identificam sua personalidade, e isto pode ou não mudar durante sua formação profissional.

A formação deveria desempenhar papel importante na discussão das experiências que os acadêmicos trazem para o contexto formativo. Muitas dificuldades decorrem da questão

formativa, não quero com isto justificar o comodismo e apatia presentes em espaços e sujeitos educacionais e, sim, trazer para a discussão as concepções presentes em três gerações de professores e as repercussões que a formação produziu nesses sujeitos. Somente criticar o professor descontextualizando de seus espaços e tempos de formação não proporcionará a compreensão de seu ser e fazer e a busca por uma formação de qualidade. Torna-se necessário compreender a constituição profissional e buscar uma formação complementar que contribua para as possíveis mudanças que se fazem prementes na educação.

No momento em que estivermos, nós professores, perceptíveis para os saberes que possuímos e aceitarmos a crítica como oportunidade de crescimento, podemos discutir nossas ações coletivamente e quem sabe perceber que é possível produzir mudanças e abrir-se a elas. Com relação às dificuldades à mudança, Ramalho chama atenção para “evitar o habitual círculo viciosos de “mudar para não mudar” e continuar com velhas práticas representadas por novos discursos que mascaram as inovações e favorecem a continuidade dos processos formativos tradicionais”. (2004, p. 20).

A mudança precisa acontecer a nível cognitivo e também de ação e não em apenas um desses âmbitos, senão a ação não terá coerência com a maneira como deveria acontecer a partir dos referenciais e do que almejamos como atitude para uma educação mais humana e realmente formativa. Esquecemo-nos, muitas vezes, que a formação é contínua e não tem lugar específico para ocorrer. Não podemos também eximir-nos do comprometimento, enquanto formadores, de construir interlocuções com espaços de formação e atuação profissional. Essa falta de interlocução, muitas vezes, contribui para ressaltar a dicotomia presente na formação, tendo a academia como o espaço formativo e a escola como espaço de ação, como se a formação fosse restrita a um espaço.

Dentro dessa caminhada profissional, nossa percepção dos fatos, ações da vida cotidiana, amadurecimento pedagógico e pessoal ocorre em diversos momentos. Sendo assim, a possibilidade de compreensão que um professor terá dos acontecimentos pode não ter a mesma maturidade em análise que seu colega, pelas experiências e escolhas que transcorreram em sua trajetória de vida, seja pela abertura a mudança, seja pelo seu amadurecimento cognitivo e psicológico. Nessa perspectiva, Garcia afirma que “não podemos pensar nos professores como um coletivo homogêneo, mas sim que existem diferentes níveis de maturidade pessoal e profissional que os programas de formação de professores devem ter em consideração”. (1999, p.60)

A concretização profissional ocorrerá no momento em que deixarmos de afirmar somente o que falta ao professor e sim, apresentarmos seus saberes, o conhecimento que é produzido nos espaços formativos, pois é dando visibilidade ao seu trabalho e afirmando que ele possui um ofício de saberes que evidenciaremos o profissional da educação escolar. Enquanto, pesquisas apontarem somente o que falta ao reconhecimento profissional de seu trabalho docente contribuem para que o docente exponha-se a situações de desvalorização e instabilidade quanto ao seu papel nos espaços em que atua.

O processo de construção e valorização do profissional docente precisa iniciar por uma auto-valorização, como seres humanos que desempenham o papel de professor em espaços sociais instituídos e como produtores de conhecimentos e saberes que possuem relevância e significado social.

O formador tem um duplo desafio, ao mesmo tempo em que deveria trabalhar a representação dos alunos na busca da formação reflexiva e ressignificada, coloca para si esse desafio, pois muitas vezes, tem que trabalhar aspectos formativos que também não foram ressignificados nele próprio. A formação coloca um processo de mão-dupla, ao mesmo tempo em que o formador exercita seu papel, também precisa realizar um processo auto-formativo, pois os espaços e tempos que realizou a formação escolar e inicial eram outros.

Investigar os motivos pelos quais professores de gerações diferentes escolheram a profissão professor e seus processos formativos poderá proporcionar a construção de uma arquivo de memória docente que contextualize a situação atual da profissão, bem como auxilie na formação de profissionais para o espaço educacional. Falar de trajetórias docentes de pessoas que optaram pela escolha deste como opção de trabalho é validar práticas sociais presentes em espaços muitas vezes desconhecidos, dentro da própria categoria docente.

O conceito de geração que será abordado nesta pesquisa não está ligado a caráter biológicos ou familiares, tem sim um cunho histórico-social datado em determinado período cronológico. A compreensão que perpassará esse trabalho com enfoque nas gerações de professores, terá como base um determinado período de tempo e espaço, momentos culturais, políticos, profissionais singulares e inseridos em espaços sociais coletivos. A geração refere-se a um grupo de pessoas que em período datado e localizado que viveu experiências semelhantes.

Conhecer a cultura que se faz presente em cada época formativa e período de atuação pode tornar nossa fundamentação consistente e com base em fatores que produziram

esse sujeito do qual falamos. Inserido em espaços formativos e de produção de conhecimento ele gerou uma cultura singular àquele período e que também produziram marcas em sua vida e nas gerações posteriores, pelo fato de acreditarem ou serem contrários a ela, de alguma forma ela colaborou para a construção do ser e estar no mundo.

Esta pesquisa tem como cenário o Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, colocando em cena a condição docente, com foco na formação, lugar social do professor e condições de trabalho, de três gerações de professores-formadores inseridos neste espaço. Enfocarei três gerações de professores buscando as representações desses sujeitos em relação a sua condição docente, tendo como pontos de análise a formação, o lugar social do professor e as condições de trabalho. O que poderá nos apresentar um panorama da construção do ser professor a partir do viés daqueles que vivenciaram esses períodos históricos e cronológicos, com suas repercussões formativas e influências na formação continuada e de gerações posteriores. As interações que podem ocorrer entre gerações de profissionais docentes que vivenciaram e atuam em espaços educacionais em relação a sua formação e aspecto ligado ao seu contexto social implica conhecer as concepções que os professores construíram e os espaços de convivência para que estejam dispostos a construir redes de interações na busca da compreensão do ser e estar docente.

A formação enquanto processo contínuo tem se modificado nas suas formas de atuação nas sucessivas gerações, transformações e inquietações povoam a história dos sujeitos em processo de formação, refiro-me tanto aos formadores quanto aqueles que estão na formação inicial ou continuada, e produziram discursos e fazeres.

A condição docente dos professores de diferentes gerações em relação a fatores que estão inseridos nestes espaços e tempos de formação e de atuação trazem evidências que produziram culturas docentes. Na idéia da produção de culturas, a concepção de geração, enquanto categoria pedagógica que viveu em períodos cronológicos diversos e tempos formativos também situados e datados em diferentes períodos vivenciaram e presenciaram situações que também compõe as histórias e cenários daquele período e que, implicam no que são hoje, nas suas concepções, ações, formas de ser e atuar enquanto pessoa e profissional.

O conhecimento desses espaços e tempos de formação e atuação docente trazem a imagem desse professor histórico porque é produto e produtor de sua história, pois como coloca Freire (1996) somos sujeitos inseridos e não adaptados ao mundo e, desta forma também podemos agir nele. Os aspectos formativos presentes nas representações que os professores do ensino superior de gerações pedagógicas diferentes construíram, podem

compor um panorama da condição docente de um percurso histórico-cronológico. Esse percurso possibilita uma interlocução com as significações imaginárias e sua repercussão na formação de professores.

As condições que viabilizaram a formação da pessoa e do profissional configuram o ser e o fazer docente. As concepções, as atitudes, formas de pensar e agir marcam sua forma de atuar e ser. As representações que trazem em relação a sua formação, lugar social e condições de trabalho formam um conjunto de concepções e experiências que produzem um sujeito singular. A maneira desses docentes verem e viverem essa condição produz um repertório de saberes de uma categoria profissional que vivenciou experiências em tempos e espaços diversos de formação inicial e compartilham de um espaço público de atuação profissional, a Universidade Federal de Santa Maria.

As representações imaginárias que esses atores históricos, professores de diferentes gerações, construíram em relação ao sujeito professor e sua condição docente possibilitam a compreensão dos processos constitutivos da construção educacional da trajetória docente no olhar de si e podem, de certa forma, compor um corpo de saberes em relação a condição docente de períodos históricos diversos. Trazendo para a narrativa o ser, o fazer e o saber de diferentes períodos de tempo, seu modo de ver, pensar e agir nos espaços formativos configura um corpo de saberes sobre o fazer e estar no espaço de formação e no exercício da docência. A importância de conhecer os motivos e representações que levaram professores de diferentes períodos a comporem seus saberes com relação à profissão professor traz para as gerações posteriores a história da categoria docente, as sutilezas e singularidades presentes na história educacional.

Narrar experiências vividas pelos professores-formadores possibilita não só buscar imagens instituídas da docência em relação a sua profissão, mas também, através das imagens de hoje repensar as imagens do passado, no sentido de poder repensar e recriar estas imagens de professores que marcaram, durante a sua profissão, pela sua maneira de ser, de ensinar, de avaliar, de exigir, de educar. Imagens de professores, que de certa forma, puderam contribuir para a continuidade dos estudos, da escolha profissional e da produção do sujeito professor.

As trajetórias de vida de professores em diferentes momentos da carreira e atuando no espaço formativo da Universidade trazem as continuidades e descontinuidades vividas por esses sujeitos durante sua formação inicial e no decorrer do exercício profissional. As representações que professores de diferentes gerações produziram sobre a formação trazem a tona nuances de um período ao outro, o quanto influenciou as questões formativas daquela

época e os fatores que podem ter levado a optar pela carreira docente.

Trabalhar com a história de vida narrada e escrita de professores que compõe esses cenários, além de tematizar os processos formativos vivenciados pelos sujeitos que fazem parte da instituição pode valorizar experiências reais e trazer para os processos de formação a trajetória educacional de um espaço a partir do relato dos seus atores.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 165

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora, 1999.

MARQUES, Mário O. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa. 4 ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001. p. 168.

ORTEGA Y GASSET, Obras Completas. 7ª ed. Madrid: Ediciones de La Revista de Occidente, V. 5, 1970.

RAMALHO, Betania Leite; NUÑEZ, Isauro Beltrán e GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino** – perspectivas e desafios. Porto Alegre: 2ª ed. Sulina, 2004. 208 p.

REIGOTA, Marcos; POSSAS, R.; RIBEIRO, A. (orgs). **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental** - DP&A, 2003.